



# miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

## OS RECENTES MANUAIS DE ESCRITA CRIATIVA PUBLICADOS NO BRASIL ENTRE 2005 E 2019



## RECENT CREATIVE WRITING MANUALS PUBLISHED IN BRAZIL BETWEEN 2005 AND 2019

Flávio Luis Freire RODRIGUES  
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 29/06/2020 • APROVADO EM 17/10/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2539>

---

### Resumo

---

Este artigo analisa as publicações não acadêmicas de manuais de Escrita Criativa (e obras semelhantes) no Brasil no período de 2005 a 2019. Sendo uma área muito recente e ainda, grosso modo, sem entrada nas universidades, a demanda tem sido observada pelas editoras que traduzem manuais estrangeiros e publicam obras de autores que já se aventuram na produção de manuais nacionais. Assim, fizemos o levantamento das obras comerciais publicadas no período e uma breve análise baseada na leitura das obras elencadas neste trabalho. A análise levou em conta a estrutura básica dos manuais, pontos positivos e as falhas encontradas neles.

---

### Abstract

---

This article analyzes the non-academic publications of Creative Writing manuals (and similar works) in Brazil between 2005 and 2019. Being a very recent area and still without entry to universities, the demand has been observed by publishers who translate foreign manuals and publish works by authors who have already ventured into the production of national manuals. Thus, we carried out a survey of commercial works published in the period and a brief analysis based on reading the works listed in this work. The analysis took into account the basic structure of the manuals, positive points and the flaws found in them.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita Criativa. Manuais de Escrita Criativa. Mercado editorial.

**KEY WORDS:** Creative Writing. Creative Writing manuals. Editorial market.

---

## Texto integral

---

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
João Cabral de Melo Neto

Embora não haja reconhecimento da Escrita Criativa por parte da academia, a metodologia vem lentamente ganhando espaço na universidade. Fora dela, publicações sobre a Escrita Criativa têm sido, ainda que tímidas, crescentes. No início, os manuais eram traduzidos de autores, normalmente americanos, e nem sempre atuais. De alguns anos para cá, não só escritores estrangeiros têm discutido o assunto, como os brasileiros também têm se aventurado na produção de manuais de escrita literária. Aqui fazemos um levantamento detalhado das obras mais importantes publicadas no Brasil nos últimos anos sobre Escrita Criativa. A princípio, pensamos em trabalhar apenas com manuais, mas há obras ambíguas, como de King, que não são exatamente só manuais, e há outras que não tem caráter de manual, como de Murakami, mas que dá conselhos, exemplos e análise tão valiosos como se fora um manual. Portanto, não nos ateremos a apenas manuais no sentido restrito do termo.

Minhas primeiras leituras sobre criatividade e escrita datam da graduação, nos idos de 1990, com Gramática da Fantasia (RODARI). Outras leituras se seguiram e princípios de Gianni Rodari e autores semelhantes foram, de certa forma, absorvidos e colocados em prática na minha atuação docente como professor de Produção de Textos, ou mesmo de Língua Portuguesa. Durante o doutorado, o tema voltou a passar por mim, nas leituras e ficou de lado até que eu terminasse o processo. Uma vez findo, voltei a elas, mas agora organizadas sob o tema de Escrita Criativa. A partir daí, desenvolvi, na Universidade Estadual de Londrina, um projeto de extensão e um de pesquisa de onde este artigo se origina, na tentativa de vasculhar o que se tem produzido sobre Escrita Criativa no Brasil.

A metodologia da Escrita Criativa (EC) foi inicialmente concebida para formar escritores. E a proposta foi bem frutífera. Temos grandes nomes da literatura que passaram por essas oficinas no início de suas carreiras, como Hemingway e Stephen King. Não só foram alunos, mas muitos deles foram professores de EC. No Brasil, começaram muito tardiamente a chegar obras publicadas da área, que ajudam a divulgá-la ao grande público, não ficando restrita a oficinas localizadas em poucos polos no país, como Recife, com Raimundo Carrero e Porto Alegre, com Assis Brasil.

De minha parte, o interesse na metodologia visa suprir duas lacunas: a primeira, de contribuir com formação de escritores na universidade, mais diretamente no curso de Letras, que seria, a meu ver, quem mais tem condições de ofertar a proposta; e em segundo lugar, a possibilidade de migrar a técnica de formação de escritores para o ensino da produção de texto, ou como diz Tauveron, alunos-autores (2014), independente se no fundamental ou ensino médio. A respeito da dificuldade que os alunos sentem ao serem instados a escreverem, Tauveron comenta:

imitar os gestos do escritor (mas sem jamais explicitar o que podem ser estes gestos) é o que se solicita por meio das instruções dadas, em uma injunção paradoxal sempre desestabilizadora. O pequeno aluno não se engana, ele se sente a maior parte do tempo inseguro desde o momento em que ele deve escrever (2014, p. 87-88).

A minha hipótese é de que a EC tem condição de oferecer aparato que me dê condições, como professor de texto, a instrumentalizar de forma mais segura esse aluno por meio de instruções e ferramentas a ter um desempenho melhor como produtor de texto – não só literário -, dando-lhe mais segurança.

Estendendo mais o alcance da EC em sala de aula, creio que alunos de Letras que tenham contato com a metodologia da EC possam levar a experiência para suas salas de aula e que ela seja uma ferramenta a mais para o trabalho com produção de textos. Creio que a relação com o texto se modifica após aulas de EC e essa mudança afetará o modo como se trabalha com produção de textos em sala e aula: um aluno que gosta de escrever e conhece suas dificuldades e peculiaridades, será melhor professor de texto. Principalmente se virem o potencial que a metodologia tem de auxiliar a escrever melhor. No Brasil, ainda não começaram a ser publicados manuais de EC de não ficção, como já acontece nos EUA e Europa. Mas não deve tardar a acontecer também, na esteira dos manuais literários, o que suprirá, a meu ver, outros gêneros textuais que não apenas os literários.

## OS MANUAIS

Raimundo Carrero foi um dos primeiros a lançar manual de EC e também um dos escritores que criou e mantém oficina de EC há mais tempo. Com uma lista de obras extensa e premiada, Carrero tem dois livros voltados à compreensão do processo de escrita literária. Em 2005, lançou *Segredos da Ficção: um guia da arte de escrever narrativas*, pela editora Agir, e em 2009, *A preparação do escritor*, que saiu pela Iluminuras.

Cabe anotar que Cyro dos Anjos, em 1962, em Brasília, Judith Grossmann, em 1966, na Bahia, foram precursores de oficinas longas de EC, seguidos por Silviano Santiago, Affonso Romano de Sant'Anna, Tânia Franco Carvalhal e Maria da Graça Cretton, entre outros, mas com caráter breve.

Em *Segredos da Ficção*, Carrero faz uma reflexão teórica sobre a escrita ficcional, mostrando os meandros ou a carpintaria do texto, desvendando ao leitor/aspirante a escritor, como se dá a transformação da ideia em história, tomando, para isso, dois pilares: o processo criador e a construção do personagem. A metodologia de Carrero é analisar o trabalho de alguns escritores, dos quais seus preferidos para a oficina são Machado, Graciliano Ramos, Kadaré, Austin, Gomez Arcos e Juan Rulfo e a partir disso, elenca alguns elementos que julga importantes no aprendizado da escrita narrativa. Não há como escrever sem correr riscos, assim como entender que se deve escrever o texto até obter o resultado que se deseja. Também é importante conhecer as regras e técnicas, mas elas são apenas indicações de como se pode trabalhar o texto, e saber manusear a técnica própria para cada objetivo textual que se quer conseguir é imprescindível. Daí a contribuição das oficinas. Sobre a construção do personagem, Carrero faz ótimos apontamentos: “o autor do romance moderno sai de cena para conceber prioridade ao personagem” (2005, p. 25), “porque o nosso primeiro personagem somos nós mesmos. Imperfeitos e barulhentos” (2005, p.31). Um anexo significativo nessa obra é a Bibliografia Comentada, que ocupa mais de trinta páginas.

De certa forma complementar ao texto anterior, *A preparação do escritor* resulta de uma oficina *online* ministrada por Carrero, em que ele mostra e analisa os movimentos internos do texto e discute os caminhos da produção literária. Talvez por advir da oficina *online*, o texto fala muito com o leitor. O autor vai tomar obras de Flaubert, Clarice Lispector, Thomas Mann e Guimarães Rosa e analisar os processos criativos por trás do texto pronto. Os dois pontos sobre os quais discorre esse manual são a discussão sobre literatura e o exercício textual.

Como muitos outros autores apontarão, o caminho da escrita (dos iniciantes, mas não só deles, pelo contrário, a leitura é constante na vida de qualquer escritor) é a leitura analítica e paciente (*close reading*). Esse já é um dos pilares da vida de quem escreve: o trabalho e o esforço, seja na leitura de outros autores, seja na escrita e reescrita constante do próprio texto. Carrero retoma o escritor húngaro Vizinczey:

Vizinczey exorta no sétimo artigo dos seus mandamentos: “não passarás um só dia sem ler algo grande”. Algo grandioso. Tempo para escrever, tempo para ler. Para ler os grandes, os melhores. De preferência, os artesãos. Ler, sempre, a página de um clássico.

Uma cena. Um diálogo. Uma passagem decisiva. Ler analisando. Com quem toca uma frase. Conhecendo ritmo. Voltando para conhecer o andamento. (2005, p. 29; grifo do autor)

A leitura, por exemplo, pode ser o ponto de partida para outro exercício de escritor iniciante: copiar textos considerados modelares e canônicos, o que dará um apuro técnico ao futuro texto.

As obras estrangeiras que iniciaram as publicações sobre o processo de escrever, e leia-se aí princípios da Escrita Criativa, começaram tímidas por aqui. Foi o caso de *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los*, de Francine Prose, publicado em 2008, pela Zahar. A autora é escritora e foi professora de literatura e escrita literária em Harvard, Columbia e Iowa. Embora a proposta dela diga respeito à leitura de obras, esse é o caminho que a autora traça para quem deseja começar a escrever: leitura, uma das bases da EC, da qual se abstraem vários elementos importantes no texto, como estrutura, vocabulário, estilo, uso de figuras de linguagem, etc. Um título que se abre para várias possibilidades a um público que pouco conhecia EC. A leitura é o primeiro professor para quem quer escrever, por isso deve ser feita esmiuçadamente diferente do leitor de fruição, cujo interesse está mais no conteúdo da história do que em sua construção e forma. Gonçalo Tavares chega às vias do impossível, na hipérbole:

Daí que um escritor, para mim, tem que ser primeiro, um leitor. Há escritores que escrevem sem ler nada e depois pensam que fizeram coisas muito novas. Como leram pouco não podem saber que milhares de escritores já fizeram aquilo. Os chineses têm um ditado que é ao mesmo tempo uma maldição: “não te atrevas a escrever um livro antes de ler mil”, parece-me sensato. (2007; grifo do autor)

Partindo da técnica *close reading* (do *New Criticism*), Prose vai analisar exemplos de textos clássicos, atentando em cada capítulo para um elemento literário, como personagens, diálogos:

No processo de me tornar uma escritora, li e reli os autores de que mais gostava. Lia por prazer, primeiramente, mas também de maneira mais analítica, consciente do estilo, da dicção, do modo como as frases eram formadas e como a informação estava sendo transmitida, como o escritor estava estruturando uma trama, criando personagens, empregando detalhes e diálogos. E à medida que escrevia, descobri que escrever, como ler, fazia-se uma palavra por vez (2008, p. 15).

Quando a autora discute diálogos, deixa claro que seu interesse é a escrita: “Uma das coisas que me lembro de ter ouvido quando estava começando a escrever foi a seguinte regra: não se deve, e na verdade não se pode, fazer diálogo ficcional – conversa na página – soar como fala real” (2008, p. 145).

Em 2008, saiu no Brasil, pela Martins Fontes, o livro *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*, de Stephen Koch. Autor de dezenas de livros que variam em gêneros e temas, o autor discorre aqui as principais lições de oficina de Escrita Criativa que ministrou por mais de vinte anos. Em capítulos longos, o autor passa pelos mesmos tópicos dos demais autores de livros de formação de escritor. Neste caso, o domínio do texto, quase em forma de diálogo, e as experiências compartilhadas com o leitor impingem ao texto uma dinâmica que prende quem lê.

O autor fala sobre desde como começar um texto até concluí-lo, o que normalmente não aparece em outras obras semelhantes, passando por um capítulo interessante e pouco usual sobre autobiografia e outro muito competente sobre revisão. Neste, há dicas claras de como trabalhar as várias versões do texto até a definitiva. Não há exercícios textuais, mas Koch apresenta técnicas usadas por ele e outros escritores, aos quais recorre a todo momento, apresentando citações de obras desses autores para exemplificar o que está discutindo. Via de regra, toda página tem pelo menos duas citações de escritores.

Koch apresenta conceitos e não dicas do trabalho como escritor, por isso, talvez, o público alvo não seja quem nunca escreveu, mas parece que haverá melhor aproveitamento por quem já escreve e conhece situações às quais o autor se refere. As reflexões propostas pelo autor levam quem escreve a refletir sobre o texto e suas peculiaridades. Ele não se atém apenas a grande literatura, mas envereda também pela literatura de massa, sem dificuldade de colocar no mesmo parágrafo Isabel Allende e J. K. Rowling.

No capítulo que discute o trabalho de escritor e questões que o rondam, ele vai adiantar o que dirá Murakami (na obra que virá mais a frente): “se você ainda se engana quanto ao *glamour* desse ofício, uma agenda de trabalho séria dará um jeito nisso.” (2008, p. 61). Nesse capítulo, discute ainda a questão que alguns autores levantam de que é necessário escrever diariamente e outra mais importante, a de que se deve ter dois empregos, visto que poucos conseguem se manter às custas apenas da escrita. Muito lúcido.

Koch propõe, quando fala de estilo, que o texto, por suas peculiaridades, como tom, modo de falar e chamar a atenção do leitor, pelo sentimento despertado, cria o leitor (2008, p. 157) e que o leitor, quando se apaixona por um autor, na verdade, se apaixona pelo seu estilo. A voz de um autor, seu estilo, só dará conta de um tipo de narrativa: “uma voz semelhante à de Chandler [Raymond] só é capaz de contar certo tipo de histórias a respeito de certo tipo de pessoas” (2008, p. 160). O tema, tão caro aos manuais de escrita, é discutido na perspectiva polifônica: “É um pouco enganoso falar de ‘voz’ no singular. Sim, o estilo final terá uma espécie de unidade sintética, mas a maioria dos estilos são, na verdade, combinações de muitas vozes.” (2008, p. 149). Isso é sempre um problema para escritores iniciantes ou puristas, que querem encontrar a própria voz, falando sozinhos. O estilo não se molda no isolamento. E mais:

Todos os escritores, sem exceção alguma, trabalham sob a influência de outros autores. Não pergunte *se* você vai ser influenciado por outros escritores. Pergunte *como*. Você aprendeu a fala ouvindo os outros falarem e continua aprendendo a fala dos outros. Foi assim que você adquiriu fluência, ritmo, vocabulário, gíria – praticamente tudo, e todas essas coisas renovam com ... mais conversas. (KOCH, 2008, p. 159-160).

Koch termina esse capítulo dizendo que o estilo é que distingue um escritor de outro, e não o talento, como se imagina. Há muitos talentos, mas que não sabem direcionar o olhar e o texto para um ponto, o que não leva a lugar algum.

Outro ponto de destaque na obra, como já disse, é o de revisão, ou de retrabalho, segundo Koch. Ele fala das muitas versões que o texto vai adquirindo ao longo de seu nascimento e das leituras para melhorá-lo e da dificuldade que muitos escritores têm de fazer a revisão por desconhecer seus caminhos. Além de citar os maiores problemas na revisão, o autor elenca e explica quais as regras de revisão de que lança mão quando escreve. Dentre essas regras, o corte – seja de personagens irrelevantes, partes do texto ou capítulos inteiros - é imprescindível e deve ser feito quando o autor ler seu texto e achá-lo, dentre outras coisas, entediante. É A regra dos dez por cento de corte do texto de que também falará King.

A revisão inclui, inicialmente, a estrutura, o desenvolvimento de partes ruins ou que não estejam claras, rever o enredo e a clareza. O autor fala ainda que são significativas a leitura em voz alta, a reescrita do texto de memória quando senti-lo muito caótico e a sensibilidade de tentar manter no texto passagens que aparentemente não são importantes, mas que são fundamentais se pensadas a partir do texto original; tente mantê-las com uma boa revisão.

Ele termina com um último capítulo de indicações de leitura sobre a arte de escrever. O texto de Koch, como já dito no início, é bem escrito e incentivador, quer dizer, dos tipos de livro que você lê e quer por logo em prática, como quando você assiste um musical e tem vontade de sair cantando. Dá vontade de escrever.

Quero aproveitar o momento e falar de *Escrita criativa: o prazer da linguagem*, escrito por Renata Di Nizo, publicado também em 2008, pela Editora Summus. Embora estampada no título, *Escrita Criativa* aqui se direciona ao leitor que quer melhorar seu desempenho textual, sem necessariamente ser o literário, de que temos tratado aqui. Por se voltar ao público geral, eu diria até preferencialmente de comunicação e publicidade, este livro ficará fora do escopo do nosso trabalho.

Outra obra significativa que podia ser encontrada nas prateleiras das livrarias brasileiras foi *Palavra por palavra: instruções sobre escrever e viver*, de Anne Lamot, publicado em 2011, pela Editora Sextante. Nesse livro, a autora conversa com quem está procurando orientação para começar a escrever. Mas a conversa pode parecer autoajuda pelo tom de intimidade e conversa com o leitor

(e até pelo título do livro). Na primeira parte, a autora discute os elementos do texto, incluindo temas como esboços ruins e perfeccionismo; na segunda parte, fala sobre a mentalidade correta para a escrita; no terceiro, ela elenca algumas ações que podem ajudar os iniciantes, como participar de um grupo de escrita; no quarto, sobre publicação; e no último, os conselhos finais.

Não há necessariamente uma proposta metodológica ou técnica, mas o compartilhamento de experiências da autora como professora de Escrita Criativa e como escritora, e dicas e exemplos deixados ao longo do texto. Por exemplo, quando Lamot fala sobre o teor moral que muitos iniciantes querem levar para seu texto, ela conversa com o leitor, colocando-se, inclusive, na mesma posição que ele:

ao começar a escrever, se você for parecido comigo, talvez queira encher a página com observações espirituosas e sacadas brilhantes para que o mundo veja como você é inteligente e sensível. Com o passar do tempo, à medida que você começa a escrever um pouco todo dia, o que aparentemente acontece de maneira quase orgânica é que você acaba querendo que seus personagens interpretem o drama da humanidade. (2011, p. 110).

E como não há pretensão acadêmica, pelo contrário, a autora deslinda seu argumento de forma bem distensa, como quando define trama: “trama é isto: o que as pessoas fazem apesar de tudo indicar que elas não deveriam fazer aquilo, que deveriam ficar sentadas quietas no sofá, respirando lentamente, ligar para o terapeuta ou comer até a vontade de fazer aquilo passar”. (2011, p. 70).

A editora Gutenberg lançou a partir de 2012, a coleção Guias do Escritor. É uma série de sete livros curtos e de caráter prático que focam em algum aspecto da escrita: *Como encontrar seu estilo de escrever*, *Como melhorar um texto literário*, *Como escrever textos técnicos e profissionais*, *Os segredos da criatividade*, *Como narrar uma história*, *Como escrever diálogos* e *Escrever para crianças*. Os autores são escritores, ilustradores, tradutores, editores, poetas etc, reconhecidos e que ministram oficinas das quais resultaram os livros em tela. Nem todos eles serão mencionados aqui, mas apenas os voltados à escrita literária.

*Como narrar uma história*, de Silvia Adela Kohan, parte da definição de narração literária, a saber:

a construção de uma história fictícia (conto ou romance) que obedece a uma série de convenções ficcionais, elaboradas de tal modo que o leitor a sinta como uma história crível, chegando a esquecer-se de que, na realidade, está diante apenas de palavras e personagens de papel (2012, p. 8-9).

Daí advém o ponto de partida e demais elementos para a o trabalho com a escrita literária: as fontes produtivas, as dificuldades comuns, os momentos que



antecedem a escrita, o planejamento, as etapas e desenvolvimento da história, as formas de narras (cena, resumo e ação), técnicas de descrição, ritmo, a voz do narrador, diálogos, criação de personagens e tempo e espaço. Em 81 páginas, a autora explica, detalha, exemplifica com textos de autores renomados e propõe alguns poucos exercícios, sem se valer de citações textuais, como texto acadêmico.

Por exemplo, quando fala dos diálogos, aponta para o fato de que eles são um ponto delicado no texto literário, ao contrário do que alguns escritores novos podem pensar: “um diálogo deve parecer muito natural e, ao mesmo tempo, evitar a maior parte dos excessos explicativos, a mediocridade, os subentendidos, o discurso pobre ou confuso da fala” (2012, p. 64). Há quem acredite que os diálogos devem representar a fala, trazendo para o texto os cacoetes, a redundância características da fala, o que não funciona, deixando o texto enfadonho ou falso. Por isso, a preocupação não é apenas de o que dizem as personagens, mas também como dizem.

Os últimos capítulos e a conclusão referem-se à criação de personagens, tempo, espaço e revisão. São muito curtos em relação aos anteriores, ocupando oito páginas apenas.

Da mesma autora, *Como escrever diálogos: a arte de desenvolver diálogos no romance e no conto*, de 2013, vai desenvolver o tema já tratado na obra anterior, mas aqui, com mais fôlego. Fala da importância do diálogo no texto e como ele é definidor para a história, podendo matá-la, se não for bem construído:

O diálogo, sem sombra de dúvida, é uma ferramenta magnífica para narrar, definir, situar, dramatizar. [...] porém, o diálogo pode também gerar complicações e inconvenientes, se usado de modo arbitrário. Muitos relatos escritos por principiantes costumam apresentar diálogos em que os personagens recitam frases mecânicas ou dão longas explicações que [...] enfraquecem o desenvolvimento da ação. (2013, p. 82).

O diálogo é um dos elementos que definem a personagem, portanto, a credibilidade dela depende de um bom diálogo, sendo responsável também pelo dinamismo do texto. Adequar a fala ao personagem, com fala mais coloquial a personagens simples ou em situações informais, sotaques, intenções, são formas de torná-lo mais verossímil. Porém, se feita sem cuidado, pode torná-lo idiota. A autora também discute os tipos de diálogos, quantidade de interlocutores, os elementos linguísticos, como pontuação, os verbos *dicendi*, uso de travessão, e de como tudo isso pode ser uma ferramenta ou armadilha. Trata também do solilóquio e monólogo.

Por sua vez, ainda de Kohan, *Escrever para crianças* (2013) é um manual que reúne, além das lições sobre como escrever textos narrativos, reflexões sobre gêneros de textos infantis, o que escrever para cada idade, o papel da ilustração nos livros infantis, escrever para crianças e não para os adultos etc. A autora lembra que se escreve para crianças para entretê-las e não para dar sermões. No

penúltimo capítulo, Carpintaria da Linguagem, dá dicas e exemplos de como trabalhar elementos linguísticos no texto infantil, como metáforas, proporcionalidade, progressão, acumulação, contradições etc.

Da mesma coleção, dos autores Sabarich e Dintel, *Como melhorar um texto literário: um manual prático para dominar as técnicas básicas da narração*, de 2014, é, como propõe o subtítulo, um manual prático com intenção de ajudar a melhorar textos, e não a escrevê-los. Assim, os capítulos da obra vão nesse sentido. Mostrar e dizer, um tópico sempre presente nos manuais, vem aqui com exemplos e justificativa. Para os autores, *mostrar e não dizer* mantém a distância entre texto literário e não literário e ainda

a estratégia de mostrar obtêm resultados mais estimulantes para o leitor, que terá de exercitar a imaginação e sua capacidade dedutiva, à medida que vai reconstruindo o mundo que o autor lhe apresenta. A leitura se converte, portanto, num ato criativo. (2014, p. 12-13).

Mas eles lembram também que essa estratégia não é melhor que a de dizer, mas que cada uma deve ser utilizada de acordo com as necessidades pedidas pelo texto no momento. Ainda nesse capítulo, Sabarich e Dintel apontam o cuidado com a redundância, a omissão das informações necessárias ao leitor e o modo como o narrador se coloca no texto devem ser questões pensadas por quem escreve.

Na sequência, os autores tratarão da relação entre o resumo e a cena, ou o quanto se deve resumir e quanto se deve desenvolver a cena, dividida em moldura, atmosfera e ação; depois, da verossimilhança nos relatos e diálogos, criação de expectativas, nós ocultos e encadeamento das ideias. Por último, tempo e ritmo narrativos e seus usos para um bom texto.

A criação de personagens é o último capítulo, em cujo começo os autores já definem: “uma das tarefas mais complexas e ao mesmo tempo uma das mais apaixonantes para o escritor é dar vida a seus personagens” (2014, p. 78), e o desenvolvem a partir da reflexão sobre a descrição dita e descrição mostrada e de como elas interferem no bom andamento do texto.

Essa coleção é muito interessante para quem escreve e quer melhorar seu desempenho textual. É de caráter prático, mas não deixa de explicar e exemplificar.

Em 1899, saiu na França, o original de *A arte de escrever em 20 lições*, de Antoine Albalat. Foi traduzido para o português de Portugal antes de 1925, quando Cândido de Figueiredo, o tradutor português, faleceu. E lançado no Brasil em 2015, pela Vide Editorial que, ao que parece, não o retraduziu nem o atualizou - porque não se trata de uma obra histórica. E porque sim, as traduções ficam velhas. Temos então um livro de pelo menos um século. Isso implica não só na linguagem desatualizada, bem como os exemplos que são de pelo menos 120 anos. A contribuição interessante é que podemos entender o que se tinha por boa escrita naquela época, à Europa. Deixando de lado a preguiça ou economia da editora, o autor nas suas vinte lições e quase trezentas páginas, dá ótimos conselhos,

acompanhados de explicação e análise de exemplos, que aparecerão em outros manuais do 1) tipo. Mas vale a pena levantar alguns tópicos deixados por Albalat.

Por exemplo, quando discorre sobre a leitura, o autor diz

Devemos ler principalmente os autores que nos *deixam ver* os seus processos, em que possamos discernir os meios de trabalho, os artifícios de estrutura, os pormenores de estilo, a ciência da expressão [...]. Saber ver é a grande palavra da escrita literária; e saber *como é preciso ver*, é quase o mesmo que saber *como é necessário exprimir*. (2015, p. 32; grifos do autor).

As discussões sobre estilo estavam ainda em alta à época e são tema para quatro capítulos, o que o autor demonstra em asserções como “o estilo é, pois, uma *criação de forma* pelas ideias e uma *criação de ideias* pela forma” (2015, p. 44; grifos do autor), ou ainda “é o esforço com que a inteligência e a imaginação encontram matizes, relações, expressões, imagens, nas ideias e nas palavras ou na relação que elas têm entre si” (2015, p. 51; grifos do autor).

Ainda sobre a relação do estilo com a escrita, Albalat ratifica: “o dom de escrever *naturalmente* não é uma aptidão inconsciente. O natural conquista-se e é quase sempre pelo trabalho que ele se obtém.” (2015, p. 89; grifos do autor) e completa “a ilusão, que dá o natural, é que se escreveu sem custo. Dir-se-ia que não foi procurado e parece que cada um poderia escrever assim. Ora, é o contrário que sucede.” (2015, p. 90; grifos do autor).

O autor traz inúmeros exemplos de reescrita, de textos que poderiam ser melhorados, de listas de expressões a serem evitadas, tudo na tentativa que ele deixa clara no início do texto, que é ensinar a arte de escrever, uma vez que, tendo lido e buscado em manuais e cursos de literatura, nunca encontrou: “nenhum fez ainda as demonstrações de estilo. É uma lacuna, que eu procurei preencher” (2015, p. 11).

Dentre outros autores brasileiros que lançaram manual de Escrita Criativa, temos *Escreva! Guia de escrita criativa*, de Pedro Gonzaga e Jane Tutikian, de 2015, pela Leitura XXI. Eles são de Porto Alegre, trabalham com literatura, seja como escritores ou professores. Este manual é bem prático e divide-se em duas grandes partes. Na primeira, constam os elementos fundamentais do texto literário; na segunda, temos as técnicas avançadas. Os capítulos são breves, iniciando com uma pequena explicação sobre o tema, exemplos que tomam boa parte do capítulo e, eventualmente, alguns exercícios.

Nas 180 páginas, os autores refletem sobre as aberturas das narrativas, seus títulos, a troca do narrador e o narrador não confiável, a técnica da história dentro da história, a minificção e outros temas que complementam as ferramentas fundamentais de quem quer escrever. Não creio que este manual se propõe a ser mais que um texto inicial para quem vai se aventurar no mundo da escrita literária.

Mais recentemente, em meio a vários livros lançados sobre escrever livros, o mais emblemático e unanimidade seja *Sobre a escrita*, do mais renomado escritor de suspense vivo, Stephen King, em 2015. O autor, formado em Letras, frequentou curso de EC, onde conheceu sua mulher, e depois se tornou professor de EC. Como a demanda da escrita tornou-se maior, abandonou as aulas de EC e dedicou-se exclusivamente à escrita. Nessa obra, King conta na primeira parte, sem pudores linguísticos, sua experiência pessoal na trajetória de tornar-se escritor, os percalços sofridos, as situações embaraçosas e engraçadas. Na segunda parte, dá dicas de como escrever e revisar o próprio texto. Dá exemplos claros de como se dão esses processos. O livro é uma unanimidade, tanto para quem gosta de escrever quanto para quem quer conhecer um pouco mais da vida do autor de obras *best sellers* como *O Iluminado*, *A coisa*, *À espera de um milagre* e outros, transformados em filme, inclusive.

Dentre várias pistas sobre texto e estilo deixadas no livro, King sugere que o escritor, quando está escrevendo, use a primeira palavra que lhe vier à cabeça, desde que ela se amolde às necessidades do texto; que não é necessário seguir as regras gramaticais o tempo todo se souber o que se está fazendo; que se deve evitar a segurança e inatividade da voz passiva; que se evite a todo custo os advérbios (“acredito que a estrada para o inferno esteja pavimentada com advérbios” (2015, p. 111)); que se deixe o medo de lado para conseguir um bom texto, muitos dessas dicas, esquentadas do manual de estilo de Strunk.

Sobre a seleção de obras e leituras do futuro escritor, King é mais permissivo que alguns autores mais radicais que indicam apenas os autores do cânone, porque eles, em sua opinião, têm muito a ensinar:

cada livro que se pegar para ler tem uma ou várias lições, e geralmente os livros ruins têm mais a ensinar do que os bons [...] aprendemos mais sobre o que não fazer quando lemos uma prosa ruim [...] a boa escrita, por sua vez, ensina ao escritor aprendiz sobre estilo, narração elegante, desenvolvimento de enredo e criação de personagens críveis, e também sobre como dizer a verdade (2015, p. 126-127)

King se detém bastante na revisão. Além de explicar como ele faz a revisão por meio de exemplos, ele mostra na prática como isso acontece. Na última seção do livro, King exemplifica com seis páginas de um conto seu em que mostra o processo de revisar e reescrever o texto, aplicando sua regra de ouro: corte de 10% do original. É bastante didático:

a primeira versão diz “O escritor se sentou em uma das cadeiras em frente à mesa”. Dã – onde mais ele se sentaria? No chão? Com certeza, não, então o trecho sai. Também decidi tirar os charutos cubanos. Não é apenas algo banal, é o tipo de coisa que os vilões sempre dizem nos filmes ruins. “Pegue um charuto. São cubanos.” (2015, p. 247-248; grifos do autor).

Steven Pinker, de obras como *O instinto da linguagem*, escreveu *Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*, que saiu pela editora Contexto, em 2016, traduzido por Rodolfo Ilari. Embora o título seja aberto e poderia abarcar escritas variadas, ele se preocupa em discutir, acadêmica e linguisticamente (veja a editora e o tradutor), características, defeitos e explicações para bons e maus textos, lançando mão, por exemplo, de árvores gerativas. Ele passa bem longe do que poderíamos entender como um manual de escrita criativa. Por isso, ele não será abordado neste trabalho.

Seria interessante também deixar registrada, embora não tenha saído por editora comercial, a obra de Roberto Klotz, *Manual do Escritor*, publicada em 2016. É um manual bastante completo de EC, o que quer dizer, tem um bom capítulo sobre revisão. Além de revisão, que é o sexto capítulo, ele traz a definição dos gêneros literários em prosa, dos elementos literários, dicas gramaticais, o planejamento e o início da escrita e questões formais do texto e de publicação. Como o autor explica no início da obra, ela se constituiu a partir de anotações de oficinas literárias frequentadas por Klotz, talvez por isso haja uma variedade de tópicos que cobrem muito do percurso da escrita para iniciantes, incluindo as dúvidas tão frequentes sobre publicação. Um detalhe que particularmente me atrai no livro são citações de escritores no rodapé de todas as páginas do livro.

Na última seção, ele traz uma série de dicas e curiosidades, como fazer parte de uma comunidade literária, de que o trabalho do escritor é mesmo vender sua obra, do que vivem os escritores, orelha, capa, título e *teaser* do livro, terminando com a preparação para entrevistas.

Há menos tempo ainda, Harumi Murakami lançou *Romancista como vocação*, na esteira de escritores que contam suas experiências e dão dicas de como se tornar um escritor. Saiu pela editora Alfaguara, em 2017. A obra faz o seguinte percurso: fala sobre o início da carreira do escritor, o “dom” para escrever, originalidade, o branco (momento em que não consegue escrever) e a inspiração do escritor, a persistência, pesquisa, revisão, publicação. E como outros escritores, desmistifica a função do escritor e da escrita, como dom. A respeito disso, Murakami escreve logo no início do livro:

em minha opinião, escrever romances não é um trabalho apropriado para pessoas muito inteligentes e de mente afiada. Naturalmente é necessário certo nível de esperteza, cultura e conhecimento para escrevê-los, e acho até que sou dotado de um nível mínimo desses fatores. (2017, p. 12).

Três páginas adiante, ele complementa: “é apenas uma opinião pessoal, mas acho que, basicamente, escrever romances é algo bem maçante. Nesse ato não existe quase nenhum elemento de inteligência” (2017, p. 15).

Alguns detalhes da vida pessoal dos escritores instigam a curiosidade e nos ajudam a entendê-lo. Saber que Murakami é desportista e que faz parte da cultura disciplinada japonesa ajuda a entender seu processo de escrita e estilo. Ele conta que pensou em ser escritor durante um jogo de futebol, num estádio. Começou a escrever nas madrugadas, depois de fechar o bar que tinha à época. Não gostou do resultado de Ouço a canção do vento. Resolveu reescrever em inglês, que não dominava tão bem, mas pensou que a estrutura direta e simples, que era a que ele dominava nessa segunda língua, poderia ajudá-lo. Gostou do resultado e reescreveu tudo novamente para o japonês. Isso fez com que ele percebesse que não são as estruturas textuais complexas ou vocabulário sofisticado que atraem o leitor e fazem uma boa obra.

Também faz parte da sua disciplina a escrita diária e a longa revisão que impõe a seus textos. Sobre a regra que impõe a si para escrever, ele diz:

escrevo cerca de dez páginas manuscritas por dia, como se eu tivesse que bater o cartão de ponto. [...] não escrevo mais do que isso nem quando estou inspirado, e me esforço para escrever esse tanto mesmo quando estou sem inspiração. Pois para um trabalho de longo prazo, a regularidade é muito importante. (2017, p. 80).

Quanto à revisão, só do próprio autor, são quatro, nas quais faz cortes, altera diálogos, muda narrador, acrescenta detalhes etc: “quando termino de escrever um romance, outro jogo se inicia [...] para mim, é aí que começa a parte *gostosa*, com a qual *vale a pena* gastar muito tempo.” (2017, p. 81; grifo do autor).

Outro autor brasileiro que lançou manual de escrita foi Marcelo Spalding, com *Escrita Criativa para iniciantes*, lançado em 2018, pela editora Metamorfose. O autor é pós-doutor em EC pela PUCRS e é jornalista, editor e professor, além de escritor. Tem uma dezena de livros lançados. Também ministra oficina de EC de onde saiu o material transformado em livro.

O volume é publicado em capa dura, parece extenso, mas a combinação de letras e espaçamento dá impressão de ser mais longo do que parece. Spalding entra direto no texto, sem discutir dom, criatividade, branco do escritor. Como o autor tem base linguística e literária atual, se apoia nesse conhecimento para falar sobre figuras de linguagem, clichês literários, elementos do universo ficcional etc. Um elemento inédito nas outras obras são os três capítulos finais: Como publicar um livro, A literatura digital e Escrita Criativa na sala de aula.

O texto é bem atual, com exemplos fartos, sem estigma das obras canônicas e traz respostas a possíveis questionamentos que podem brotar durante a escrita. Por exemplo, ele fala de direito autoral quando discute intertextualidade, momento em que também cita Julia Kristeva. Vai discutir figuras de linguagem em um capítulo que cita e exemplifica várias delas, mas superficialmente e em outro, os problemas do texto criativo, retomando o manual de estilística de Strunk (de 1918) e acrescentando outros fatores não harmoniosos ao texto literário.

A proposta de ser um manual para iniciantes vai fazer com que alguns temas sejam tratados bastante superficialmente. Por exemplo, o capítulo que aborda tempo e espaço tem sete páginas e o de personagens, apenas seis. No capítulo sobre diálogos, com dezenove páginas, a metade delas se discute a questão de variação linguística presente nos diálogos dos personagens, com citação, inclusive, de Marcos Bagno. O valor do texto não se medirá, é claro, pela extensão dos capítulos, mas é um elemento com o qual se pode comparar com outras obras.

Os três capítulos já citados como bônus do livro são interessantes. O capítulo Como publicar um livro, com 24 páginas, traz as opções e consequências de caminhos para publicar uma obra. O de Literatura Digital traz exemplos e trabalhos desenvolvidos pelo autor por essa via de publicação. Por fim, Escrita Criativa na sala de aula defende o uso dessa metodologia:

ler e escrever são DIREITOS de qualquer um de nós, é pela escrita que exercemos nossa cidadania que damos vazão a nosso imaginário, que fazemos nossa voz chegar mais longe, registramos nossos sonhos, medos, amores. [...] Devemos respeitar aqueles que não gostam de ler ou escrever, mas devemos, acima de tudo, permitir que quem sinta a necessidade de lidar com palavras consiga expressar-se por elas. E nada melhor que a escrita criativa para isso. (SPALDING, 2018, p. 217, grifos do autor).

Spalding elencará motivos para o trabalho com EC em sala de aula, como o de que não há erro na criação, o que eu penso ser dos mais importantes quando se desenvolve um projeto com base em EC. A meu ver, o argumento poderia ser melhor discutido, visto que é pedra angular para a valorização dessa metodologia. Spalding também traz algumas propostas de atividades, como *fan-fiction*, jogo de metáforas, minicontos. Gostaria de salientar uma afirmação do autor que resume a proposta de trabalho com EC em sala de aula: “nossa abordagem de trabalho com a escrita criativa aqui é muito mais de estímulo à criatividade e à própria escrita do que encontrar gênios da literatura ou mesmo qualificar esteticamente o texto de nossos estudantes” (SPALDING, 2018, p. 221).

Por fim, falta à obra um capítulo dos mais importantes: o da revisão. Uma grande falha que se tem quando se trabalha com a perspectiva de revisar o texto literário como um escritor é saber as técnicas possíveis para isso, para o que as teorias vistas em sala de aula de Língua Portuguesa e Linguística não são suficientes e nem funcionais.

Um dos maiores nomes de oficinas de EC no Brasil é, sem dúvida, Luiz Antonio de Assis Brasil. Isso não apenas porque ele mantém em funcionamento uma oficina de EC desde 1985, mas também por ser professor de literatura, crítico literário, leitor e escritor, com dezenas de livros e premiações no currículo. Provavelmente, seja responsável indireto pelos trabalhos de Gonzaga e Tutikian, Tenório (os publicados nos seus dois volumes) e Spalding, constantes neste artigo. Afora isso, ele escreveu *Escrever ficção: um manual de criação literária*, saído pela Companhia das Letras, em 2019.

O manual segue os mesmos passos de outros, como criação de personagens, trama, tempo e espaço, diálogos e estilo, numa proposta de apresentar técnicas ou ferramentas para se chegar aos resultados almejados.

A obra tem três grandes diferenciais em relação aos outros manuais. O primeiro diferencial é que, logo de início, Assis Brasil faz questão de manter a relação com o leitor, que está, nas palavras do autor, num mesmo nível que ele: “como você também é ficcionista” (2019, p. 13). Essa postura de não se colocar num patamar além do leitor, não só o aproxima, como também mostra que ser escritor é um trabalho como outro qualquer, que independe de vocação, mas que exige devoção, que ele define citando um romancista cubano, Alejo Carpentier “a vocação, – o amor ao trabalho determinado – o leva a aperfeiçoar seu ofício, e, em certos casos, a se sobressair, dando-nos obras excelentes” (1985, p. 423, apud 2019, p. 22).

Um segundo e muito importante diferencial em Assis Brasil é o fator humano, discutido ainda no primeiro capítulo: Ser ficcionista é exercer nossa humanidade. Em nenhum outro manual li sobre como a condição humana pode interferir e alterar os caminhos de um texto literário. Para o autor, por vezes somos confrontados com questões no texto e imaginamos que seja uma falha literária, ou ainda acreditamos que seja um travamento na inspiração quando, na verdade, se trata da dificuldade de se lidar com realidades emocionais de quem escreve (2019). Isso, segundo Brasil, pode interromper carreiras promissoras. Então esse fator humano tem de ser levado em consideração no momento em que se opta por escrever determinada história, desenvolver certo tema ou construir esta ou aquela personagem; há que se sentir se o autor está suficientemente confortável para narrar essa história.

Um terceiro elemento bastante singular é a extensão da obra. Nela, Assis Brasil compartilha de forma generosa o tempo de experiência com as oficinas, nas suas praticamente 400 páginas, que cobrem, como já disse, os principais elementos constitutivos do texto literário, às vezes, com olhar diferente de outros manuais. Por exemplo, quando fala da criação dos personagens, chama atenção para a coerência interna e contradição externa que os personagens precisam ter e a motivação de que os personagens devem se valer para estarem na história (e o leitor acreditar neles e na trama). Ou ainda, quando Assis Brasil trata do narrador, ao invés dos tradicionais foco narrativo e ponto de vista, vai substituí-los por focalização. Não trabalha com o conceito de narrador, mas de focalização.

O manual traz ainda um capítulo sobre estilo e um de roteiro para a escrita de um romance, no qual ele discute, entre outros tópicos, a construção do final da trama. Para aliviar os escritores novatos, Assis Brasil assevera: “nenhum final agrada ao leitor” (2019, p. 368). Senti falta, como em outras obras do tipo, de um capítulo de revisão, nos moldes de King.

Mas a obra de Assis Brasil se configura como um belíssimo manual de EC, gerido e gerado a partir de experiência brasileira para o público brasileiro.

Como estou me atendo aos manuais, ficaram de fora obras como *A Escrita Criativa: pensar e escrever literatura*, coordenada por Assis Brasil, lançada em 2012, pela EdiPUCRS, por ser uma coletânea de artigos de gêneros diversos sobre a



escrita literária. Também por ser coletânea, deixei de fora *Sobre a escrita criativa*, volumes I e II, organizados por Patrícia Gonçalves Tenório, lançados em 2017 e 2018, pela editora Raio de Sol, de Recife. Nestes dois volumes, diferentemente da primeira coletânea citada no parágrafo, aqui temos uma série de artigos acadêmicos que tentam refletir sobre temas variados, atuais e brasileiros sobre a escrita criativa. É uma obra de fôlego, importância e grande contribuição à área, principalmente, no aspecto acadêmico, no qual a EC é ainda deficitária no Brasil.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Pelas obras elencadas neste artigo, percebe-se que a EC está em ascensão, mesmo que, como dito no início, timidamente. Embora os temas tratados sejam muito semelhantes, uma vez que são obras introdutórias (em sua maioria), eles são discutidos com particularismo próprio de cada autor e sua experiência.

Essa ascensão é percebida principalmente no âmbito comercial, mas há algumas obras de cunho acadêmico (as coletâneas que não foram tratadas, apenas nomeadas) e artigos publicados em periódicos que indicam que também nesses meio tem-se observado uma procura maior pela EC. Esperamos que isso mostre que essa metodologia faz jus e também merece seu lugar ao sol.

Não compuseram este artigo algumas obras que são entrevistas de escritores e que atentam para questões como o processo criativo, inspiração, o temido “branco” etc, que desnudam e desmistificam o autor por trás da obra, e por isso são ótimas leituras para mostrar o quanto há de trabalho por trás dos livros. Há algumas obras com autores estrangeiros e há também com escritores nacionais. O grande exemplo deste tipo de obra são as entrevistas à revista *Paris Review*, coordenadas por M. Cowley, com Aldous Huxley, Hemingway, Ezra Pound, Faulkner e outros.

Para finalizar, gostaria de voltar a refletir sobre a EC e sala de aula. Sem dúvida, todos esses manuais podem ser aproveitados em sala de aula de produção de texto literário. Por exemplo, voltando a Klotz (2016), que vai discutir o nome dos personagens, visto que “são tão importantes que às vezes pulam das páginas para a capa” (p. 45). Parece um tópico de pouco significado, mas diz respeito às escolhas – como tudo o mais no texto – que o autor deve fazer, a começar por aí. Ou ainda como King explica que economizou quinze linhas quando, num romance, trocou o nome da personagem Ostermeyer por Olin (2015, p. 247). São situações que mostram como as decisões contam no texto e como a revisão bem feita é significativa. Penso que a maior contribuição seja a respeito da revisão, passo extremamente decisivo para a finalização do texto, ao qual nem sempre damos a devida importância, até porque, nem sempre sabemos como fazê-la (sic – repetição do *nem sempre*).

---

## Referências

---

ALBALAT, Antoine. *A arte de escrever em 20 lições*. Trad. de Cândido de Figueiredo. Campinas: Vide Editorial, 2015.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. (coord.). *A escrita criativa: pensar e escrever literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

CARRERO, Raimundo. *A preparação do escritor*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

CARRERO, Raimundo. *Os segredos da ficção: um guia da arte de escrever narrativas*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CLAVER, Ronald. *Escrever sem doer: oficina de redação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

COWLEY, Malcolm (org.). *Escritores em ação: as famosas entrevistas à "Paris Review"*. Trad. de Brenno Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GONZAGA, Pedro; TUTIKIAN, Jane. *Escreva: guia de escrita criativa*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2015.

KING, Stephen. *Sobre a escrita*. Trad. Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KLOTZ, Roberto. *Manual do escritor*. Brasília: Brasília, 2016.

KOCH, Stephen. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

KOHAN, Silvia Adela. *Os segredos da criatividade*. Trad. Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

KOHAN, Silvia Adela. *Escrever para crianças*. Trad. Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

KOHAN, Silvia Adela. *Como escrever diálogos*. Trad. Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

KOHAN, Silvia Adela. *Como narrar uma história*. Trad. Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

LAMOTT, Anne. *Palavra por palavra: instruções sobre escrever e viver*. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

NIZO, Renata di. *Escrita criativa: o prazer da linguagem*. 2.ed. São Paulo: Summus, 2008.

MURAKAMI, Harumi. *Romancista como vocação*. Trad. Eunice Suenaga. São Paulo: Alfaguara, 2017.

PINKER, Steven. *Guia de Escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016.

PROSE, Francine. *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia*. 6.ed. Trad. Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

SABARICH, Lola; DINTEL, Felipe. *Como melhorar um texto literário*. Trad. Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutemberg, 2014.

SPALDING, Marcelo. *Escrita criativa para iniciantes*. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

TAUVERON, Catherine. A escrita “literária” da narrativa na escola: condições e obstáculos. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/er/n52/06.pdf>. Acesso em 17.mar.2020.

TENÓRIO, Patrícia Gonçalves (org.). *Sobre a escrita criativa I*. Recife: Raio de Sol, 2017.

TENÓRIO, Patrícia Gonçalves (org.). *Sobre a escrita criativa II*. Recife: Raio de Sol, 2018.

TERRON, Joca. “Ler para ter lucidez”. Entrevista a Gonçalo M. Tavares. In: Revista Entrelivros. Ed. 29, set. 2007. Disponível em <https://nuhtaradahab.wordpress.com/2008/02/23/entrevista-com-goncalo-m-tavares-joca-terron/>. Acesso em 14. dez. 2019.

---

## Para citar este artigo

---

RODRIGUES, Flávio Luis Freire. Os recentes manuais de escrita criativa publicados no Brasil entre 2005 e 2019. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 661-679, set.-dez. 2020.

---

## O autor

---

**Flávio Luis Freire Rodrigues** é doutor em Estudos da Linguagem. Professor de Produção de Textos no Departamento de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina.